

sumario	editorial	1
	noticias	5
	artículo	34
	bibliografía	46
	actividades	77

## Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua en Hispania (SECAH)

Ex/Officina/Hispana

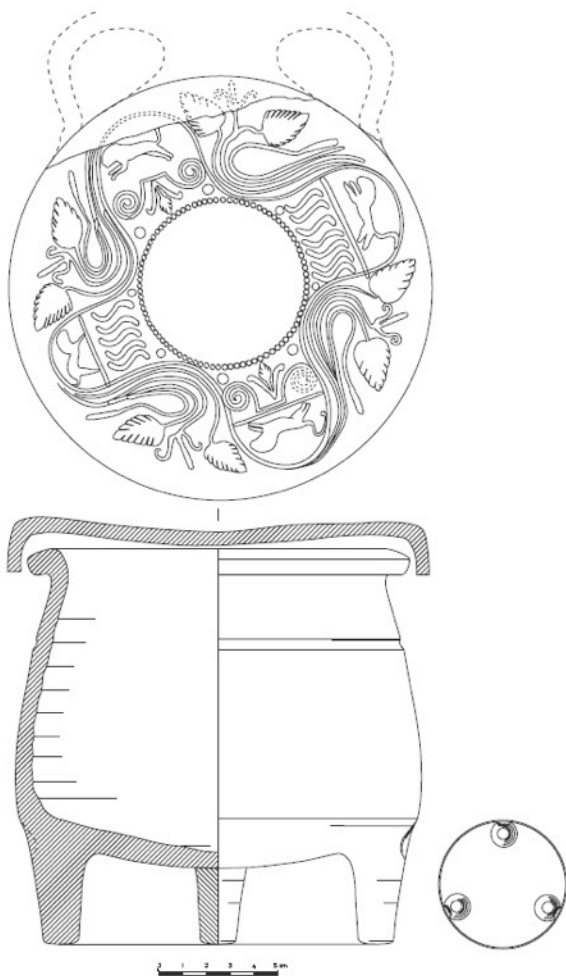
[www.exofficinahispana.org](http://www.exofficinahispana.org)

### CERAMICA COME MEZZO E CERAMICA COME FINE

Há um pequeno texto de Nino Lamboglia de que gosto particularmente: *La ceramica come mezzo e la ceramica come fine*. Foi publicado nos inícios dos anos setenta do século XX, no volume de actas de um Colóquio *I problemi della ceramica romana di Ravenna, della vale padana e dell'alto Adriatico (Ravenna, 10-12 Maggio, 1969)*, Bologna: Arnaldo Forni Ed., 1972, p. 37-41, um encontro científico singular no contexto das reuniões similares em Itália, no dizer dos organizadores, por ser exclusivamente consagrado à discussão de temas relativos à cerâmica romana.

O texto, apresentado no espaço dedicado aos problemas gerais e de método, fala dos dois níveis tradicionais de abordagem à cerâmica romana: aquele que aborda estes materiais pela tipologia e pela cronologia (a cerâmica como fim); e um outro que a valoriza como meio para datar unidades estratigráficas e, por essa via, períodos de ocupação, fases de construção, etc., nos sítios arqueológicos. O investigador italiano não deixou naturalmente de sublinhar como estas duas estratégias de abordagem longe de serem divergentes ou paralelas são, na realidade, complementares.

Da primeira verificação, parte para uma segunda interrogação, pertinente na época, sobre se a cerâmica deveria ser valorizada como objecto de arte ou como testemunho histórico. Neste domínio, Lamboglia referia-se concretamente à sobrevalorização dos exemplares decorados, quer nos estudos arqueológicos, quer nas vitrines de museus, que relegavam para um plano francamente secundário a esmagadora maioria dos fragmentos recolhidos no decurso das escavações arqueológicas. A interrogação é compreensível, na época, e o facto de hoje nos parecer destituída de sentido é um claro indicador da trajectória dos estudos cerâmicos nos últimos decénios. Creio que a ninguém



▲ Urna de incineración de Bilbilis (s. I d.C.)(Según J.C. Sáenz Preciado)



hoje ocorre debater as cerâmicas antigas como objecto de arte *versus* fonte histórica. Seguidamente, Nino Lamboglia estabelece, de um modo esquemático, mas absolutamente certo, aquilo a que poderíamos chamar um programa para o estudo das cerâmicas antigas. Em primeiro lugar, sublinha a necessidade de fundar nas observações estratigráficas a sua datação, congratulando-se por se multiplicarem as escavações *com método*, como simplesmente se refere à utilização do método estratigráfico. Obviamente, hoje não ocorre supor que se possam realizar outro tipo de escavações em sítios arqueológicos, mas não deixa de ser importante sublinhar como esta aquisição é recente no contexto da arqueologia de época romana, onde as práticas de “desaterro” de estruturas monumentais, mais do que de efectiva escavação com criteriosa notação estratigráfica, foram persistindo até há bem pouco tempo. Insiste igualmente na necessidade de se privilegiar o desenho esquemático das cerâmicas e não tanto na sua fotografia, que deveria ser entendida mais como informação complementar - e compulsando o volume de *Actas* onde o texto se publica compreende-se bem a oportunidade do seu comentário, uma vez que são quase tão frequentes as ilustrações por fotografia como as que se socorrem de desenhos. Alerta para a necessidade de conter certas práticas de restauro que, ao completarem integralmente recipientes cerâmicos fragmentados, dificultam a observação das pastas. Insiste na necessidade de estabelecer terminologias claras e de aceitação geral, preconizando a construção de tipologias de valor universal em lugar de novas propostas apresentadas para cada sítio arqueológico investigado. Defende a necessidade de transformar os museus em verdadeiros centros de estudo, onde os investigadores possam ter acesso às reservas de materiais não expostos, observação que ganha um novo sentido hoje em dia com a multiplicação de intervenções de arqueologia de contrato que geram ingentes quantidades de cerâmica, frequentemente apenas listada. Termina expressando o voto de que num futuro todas as categorias cerâmicas possam ser devidamente conhecidas e utilizadas com valor cronológico, tal como já então era possível com a *terra sigillata* e as ânforas.

Sem pretender insistir na ligação sentimental que sinto por esse texto, estabelecida em já longínquos tempos de jovem estudante, pel relevância que assumiu na minha formação, gostaria de referir as suas múltiplas valências para o leitor de hoje.

Em primeiro lugar, porque nos esclarece sobre o contexto de análise das cerâmicas antigas em um tempo tão próximo e ao mesmo tempo tão distante como era esse final dos anos 60 do século XX – contava então a *REI CRETARIAE ROMANAE FAVTORES* uma escassa década de existência. Mas também porque sublinha as duas dimensões fundamentais do estudo das cerâmicas, que me atrevera a actualizar, sem desvirtuar o espírito original do autor: a cerâmica como fim, entendendo-o como rigoroso estabelecimento de tipologias, devidamente balizadas em cronologias, preferencialmente de base estratigráfica; e como meio de conhecimento de múltiplos aspectos das vivências antigas (comércio, consumo, hábitos alimentares, contextos de consumo, etc.). Não será de mais recordar como continuam a fazer todo o sentido programas de estudo que não descurem estas duas dimensões claramente complementares, sem nunca perder de vista que não faz sentido supor que se pode-



rá a um efectivo uso da cerâmica como meio, sem previamente construir solidamente as tipologias.

Insistir no tema parece-me relevante, porque ao longo das décadas de 60-70 do século XX, nos anos que se seguiram à publicação do artigo de Lamboglia, no âmbito do que hoje designamos como *arqueologia processualista*, se consolidou a ideia de que o estudo detalhado de cerâmicas (ou outros artefactos) como fim constituía uma espécie de “pecado original” do arqueólogo. A atenção deveria dirigir-se preferencialmente para o estudo dos *processos históricos*, com o auxílio de grandes modelos sociais e económicos gerados pela Antropologia, que na prática relegavam os materiais arqueológicos para a categoria de curiosidades de antiquário. Recordo ainda como nos meus tempos de estudante se aplicava depreciativamente a designação de *artefactualista* a todo aquele que se centrava no estudo aturado dos materiais arqueológicos. Condescendia-se no uso do artefacto como meio, mas não mais do que isso, sem muitas vezes se perceber que esse uso dependia forçosamente da prévia construção de uma sólida tipologia, devidamente caracterizada e datada. De igual modo, a deriva “pós-moderna” (ou *post processualista*, como mais frequentemente se designa) das décadas seguintes, não contribuiu para uma efectiva valorização do estudo da cerâmica *como fim* e a cerâmica *como meio* também não conheceu melhores dias. Aqueles que se interessavam por estes estudos assumiam quase a dimensão dos “irredutíveis gauleses da aldeia de Astérix”, resistindo solitariamente a ondas e modas dominantes onde os artefactos arqueológicos eram decididamente realidades relegadas para um segundo plano, quando não simplesmente esquecidas.

Nos últimos anos, algo mudou. Cada vez mais estudantes manifestam interesse pelas cerâmicas e resulta claro que *fim* e *meio* na análise destes artefactos constituem as duas faces de uma mesma moeda, por muito que o impulso inicial deliberadamente se oriente na direcção dos estudos da cerâmica como *meio*. Este crescimento tem levado ao surgimento de novos especialistas que, por sua vez, atraem outros, em ciclo de crescimento e renovação francamente promissor. A dinâmica está sólida e prometedora ao mesmo tempo que a construção de uma Europa do conhecimento, fornecendo novos meios de financiamento a projectos de investigação e esbatendo as antigas fronteiras políticas, tem gerado novas oportunidades de circulação de estudantes e investigadores e tem fortalecido os laços entre as distintas comunidades científicas. Se era já um dado adquirido a necessidade de olhar os antigos territórios provinciais romanos nos seus contornos de época – e não será de mais recordar que o tema é especialmente importante para os estudantes e investigadores portugueses, pela não coincidência dos espaços nacionais históricos com as antigas divisões administrativas romanas: a *Lusitania* tem a sua capital e boa parte do seu espaço fora do actual território português e pertence hoje a Portugal uma parte da antiga *Tarracoenensis*, mais tarde *Callaecia*. Começam, assim, a redesenhar-se novos territórios de estudo (que, afinal, mais não são que os *velhos territórios* romanos) e com toda a naturalidade se cruzam as actuais fronteiras políticas, quer nos processos de formação, quer na hora de desenhar projectos de investigação, com a suficiente clarividência para entender que o



espaço do antigo Império Romano, globalmente concebido, também é um território de estudo possível.

Do natural amadurecimento destes processos, nasceram novas formas de cooperação e associação de que a SECAH é exemplo. Sem descurar outros *fora* de participação de âmbito mais vasto, tão vasto quanto a vastidão dos espaços por onde circularam as cerâmicas romanas, aqui se reúnem afinal todos os que a partir da *Hispânia* (ou elegendo-a como espaço privilegiado de análise) encontram na cerâmica antiga o seu objecto de estudo de eleição. Todos aqueles que vêem nesta Sociedade um *meio* para aprofundar a sua formação e dar a conhecer os seus trabalhos, participando na construção de uma rede de conhecimento sem fronteiras; mas também um *fim*, contribuindo para a consolidação da informação sobre a cerâmica antiga e a sua divulgação.

Do “velho” programa de Lamboglia subsistem os eternos problemas de construção de linguagens comuns e consensualmente estabelecidas, ainda que seja evidente que no âmbito de Sociedades científicas de ampla participação será sempre mais fácil chegar às desejadas plataformas de entendimento. Subsiste também o desejo de consolidar a informação sobre as diversas categorias cerâmicas, dando-lhes personalidade própria e expressão na construção do conhecimento sobre o passado. Uma vez mais, quanto mais amplo e diversificado for o leque dos estudiosos envolvido neste desígnio, maiores serão as probabilidades de o alcançar. Resta-nos também continuar a desejar que as reservas de museus e os depósitos de materiais resultantes das investigações de arqueologia de contrato se constituam em verdadeiros lugares de estudo, abertos á investigação.

A SECAH constitui-se como uma comunidade que agrega todos os que de algum modo perseguem os objectivos deste programa, delineado nos finais dos anos sessenta do século XX, e partilham de uma mesma convicção, expressa por Howard Confort no encerramento do mesmo Colóquio de Ravenna acima mencionado, a profunda e sincera convicção de que *habemus thesaurum in vasis fictilibus*.

CARLOS FABIÃO ([cfabiao@fl.ul.pt](mailto:cfabiao@fl.ul.pt))

Professor Associado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.